

A GRANDE AVE DO SÉCULO XX

N.º 206 Lisboa, 24 de Janeiro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:

Anno, 4800 réis — Semestre, 2400 réis
Trimestre, 1200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TRINHEIRA
Propriedade de J. L. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas p. ultas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre colôromante e physionomista da Europa



glez, allemão, italiano e hespanhol. Du *consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-ajá - LISBOA.* Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 3\$000 rs.

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez. É incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancia, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desharrrolles, Lambroze, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as prime paes e cidades da Europa e America, onde foi admirada pela s numerosos clientes da mais alta cathogori, a quem predisse a queda do Império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Coke inglez

Para cozinha O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 17, 2.º

TELEPHONE 1738

A QUEBRADURA CURADA

Veem como este pedreiro está tapando a abertura n'essa parede?



Essa é a forma como eu curo a quebradura. Preenchendo a abertura e material novo e muito forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura n'uma parede — a parede do musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos.

E' qua' i tão facil curar uma ferida ou ruptura n'esse musculo, com o n'um braço ou na mão.

Tá vez es a ruptura não seja maior do que a cabeça d'um dedo.

Mas é *suficientemente* grande para permitir que parte dos intestinos saiam por ella. E' evidente que a cicatrização não se produz, sem que a natureza seja *ajudada*.

E é isso, precisamente, o que faz o meu methodo. Permite conter a protuberancia dentro da parede e no seu proprio logar.

Depois pr escrevo o Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra *através* da pelle até ás bordas da abertura e remove o *anel callos* que se formou ao redor da ruptura.

Enão começa o processo de cicatrização. A natureza, já livre do intestino saliente e do *anel calloso* na abertura, e estimulado pela acção do Lymphol, fornece tambem lympho e a abertura é outra vez occupada com o *novo musculo*.

Não é isto simples? Não é razoavel? Tenho prov do os seus u eritos em milhares de cas s. E *preval-e-he* n qualquer quebrado que me envie o seu nome.

Esc *envie-me* quem quizer pelo correio e eu lhe enviarei pelo correio *uma amostra gratuita* de Lymphol e um livro esplendidamente illustrado acerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me mande dinheiro. Mandeme apenas o seu nome e direcção.

Wm. S. RICE, R. S., Ltd.,
(ESPECIALISTAS)
(Depto. S. 346), 8 e 9, Ston:cutter St.,
LONDSES, E. C., INGLATERRA



NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

PRINCIPIA



DISPONIVEL



Academia allemã para engenheiros
Vismar a. d. Ostsee, para engenheiros machinistas e electricistas, architectos e engenheiros de obras.

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPÉ FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 300 REIS
Trabalho da porta em todo Portugal por 2 francos.

DEPOSITO GERAL

15, RUA DOS SAPATEIROS, LISBOA

COMPREM AS

Sedas Suissas

Pecam as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou colorido. *Eolienne, Cachem re, Shanghai, Duchesse, Grépe de Chine, Côtelé, Messaline, Mousseline*, largura 120 cm, a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as *bluses e vestidos bordados* em batiste, lã, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas *directamente aos consumidores* - francas de porte a domicilio.

SCHWEIZER & C.º
Lucerne E II. (Suissa)

Exportação de sedas

Fornecedores da Corte Real

OS NOSSOS INQUERITOS

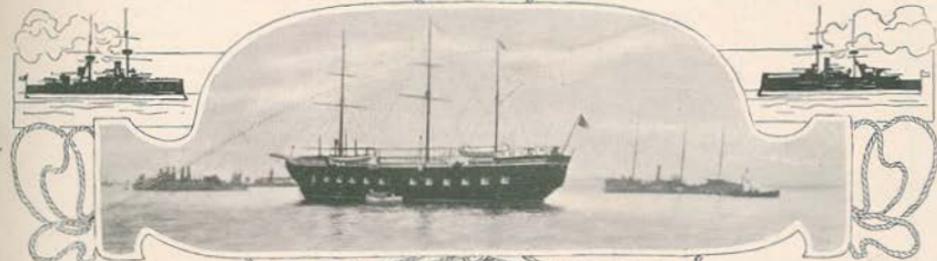
A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» ENTREVISTA
TREZ ILLUSTRÉS OFFICIAES DE MARINHA
SOBRE O ESTADO ACTUAL DA ARMADA PORTUGUEZA

E' ainda recente para estar na memoria de todos os leitores da *Illustração Portuguesa* a publicação n'este jornal de um artigo que sob o titulo «Portugal aberto a todos os exerciços, Lisboa aberta a todas as esquadras», demonstrava de maneira que julgamos nitida e que em jornal algum vimos contradictada, a absoluta inefficacia das defezas maritimas de Portugal. Era esse artigo um brado de patriotismo, um appello á indifferença permanente da raça portugueza, em prol da causa sacrosanta da defeza militar do paiz, problema desconhecido de multos, abandonado dos restantes e inilludivelmente vitalissimo para a independencia ou a prosperidade de



da marinha de guerra, procurando offerecer assim aos seus leitores a auctorizada opinião de tres distinctos officiaes d'essa corporação sobre o problema instante dos nossos armamentos, opinião que, com profunda magoa de patriotas o allirmamos, totalmente vem corroborar o que ha poucos mezes n'estas mesmas columnas se escreveu.

Respeitamos o anonymato que nos foi delicadamente indicado e todos que nos' erem comprehendendo as valiosas razões por que o fazemos. Nem por isso as affirmações que abaixo publicamos perderão o seu valor, porque facil é comprehender que, respeitando os conhecimentos e o valor profissional de toda



Portugal. E' obedecendo ao mesmo criterio, á consciencia de que estamos possuidos de que é indispensavel derramar a rodos pelo paiz a luz d'esta verdade *Portugal necessita de se armar*, que a *Illustração Portuguesa*, continuando a sua obra patriótica, entendeu proceder a um inquerito entre a brilhante officialidade



a officialidade da marinha, a *Illustração* tenha justamente procurado ouvir a opinião de alguns dos seus officiaes de nomes mais illustres.

Seguem as entrevistas realizadas entre o redactor d'este jornal e os tres officiaes por nós escolhidos:

O nosso primeiro entrevistado foi um official de uma

1—O quadro dos navios de guerra no Tejo; Pontões, uma velha charrua da India, b'rcos de vela e um cruzador em eterno fabrico. 2—A canhoneira *Zaire*. 3—A *D. Fernando*, antiga charrua da India, hoje pontão de artilharia. 4—O *Pere d'Albuquerque*, transporte de vela, antigo scrapper do chá.

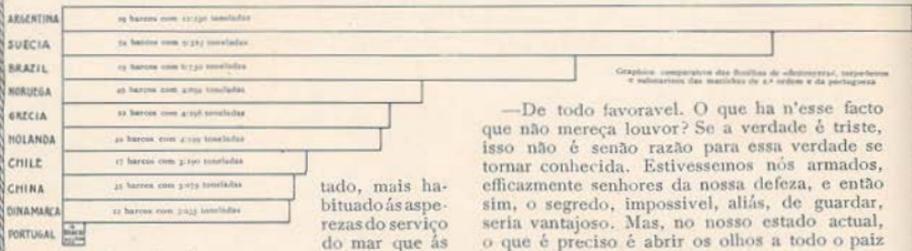


alta patente, cujos largos galões representam bastantes duzias de annos no arduo serviço da sua carreira, serviço de que a modestia do seu trato não consegue fazer esquecer feitos brilhantes nas aguas do Oriente e nas terras de Moçambique.

—Que pretende de mim a *Illustração*?— pergunta com não fingida surpresa o nosso entrevis-

sua independencia pugnar pela nossa desprotegida causa. Creia v. que na minha classe a sua propaganda produz a mais grata impressão.

—E' então favoravel á *Illustração* a opinião de v. ex.ª sobre a publicação do nosso artigo de setembro, que tal cealuma levantou entre os jornaes políticos?



im pertinencias dos reporters.

—A *Illustração*, na propaganda de que não desiste, apesar de nem sempre ser bem apreciada, em prol da defeza nacional, desejava ouvir algumas palavras de v. ex.ª sobre esse importante problema.

—Do melhor grado — e, modestamente, ajuntou — embora a minha opinião pouco valha. Em primeiro logar, tenho a louvar a iniciativa do seu jornal. Estamos tão pouco habituados, nós, os que temos por missão servir a patria nas fileiras militares, a vêr os assumptos da defeza do paiz merecerem a attenção de

tado, mais habituado ás asperezas do serviço do mar que ás

—De todo favoravel. O que ha n'esse facto que não mereça louvor? Se a verdade é triste, isso não é senão razão para essa verdade se tornar conhecida. Estivessemos nós armados, efficazmente senhores da nossa defeza, e então sim, o segredo, impossivel, aliás, de guardar, seria vantajoso. Mas, no nosso estado actual, o que é preciso é abrir os olhos a todo o paiz e dizer-lhe que, se de um dia para o outro, de um anno para o outro, a politica internacional ou qualquer conflicto financeiro ou colonial lançar contra nós um exercito da Hespanha ou da Allemanha, uma esquadra da Allemanha ou dos Estados Unidos, Portugal está escancarado á sua devastação e havemos de morrer cingidos n'um annel de metralha ao fim de uma curtissima agonia.

—O quê! Na opinião de v. ex.ª até um exercito da Allemanha nos pôde ameaçar?

—V. comprehende que eu falo nos termos mais geraes, e é exactamente por não desejar n'esse ponto emitir opinião senão indefinidamente que juntei no exemplo uma invasão de Hespanha e uma da Allemanha. Mas não julgue que acho esse perigo inverosimil! Todos nós sabemos que ameaça a Europa uma conflagração internacional e não seria a primeira vez que o nosso paiz, estando a Europa em fogo, servisse de taboleiro a uma partida do jogo.



43.727 T

O Chile, com 3.000.000 de habitantes, tem, não incluindo ainda os navios ultimamente encomendados, uma esquadra que desloca 43.727 toneladas.

alguem, além de nós, que a attitudede da *Illustração* tem consti-

Para o desembarque de um exercito ser provavel requisitam-se principalmente duas condições: uma, a pequenez e a escassa defeza do paiz invadido, outra a grandeza da marinha do paiz invasor. Não é a França que deve temer um desembarque da Allemanha, da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Quando as duzias de milhares de homens de um desembarque piz-



25.365 T

A Dinamarca, com 2.500.000 habitantes, tem, não incluindo tambem os navios encomendados ultimamente, uma esquadra que desloca 25.365 toneladas.

tuído uma feliz surpresa no nosso meio, por vêrmos um jornal com a sua larga publicidade e a auctoridade de lhe dá a

sem uma praia de França, a França dispunha de muitos centos de milhares mobilizados e instruidos com que esmigalhar a audacia de desembarcarem na sua costa. Os milhões de soldados allemães hão de entrar pela fronteira de terra se quizerem e lhes fôr possivel repetir 1870, e por muitos milhões de soldados que



14.470 T

Portugal, com 5.500.000 habitantes (não contando a população das suas vastissimas possessões ultramarinas, ainda por enquanto portu-guesa, e não contando tão pouco as suas densas colonias de emigrantes), tem uma pequena marinha de 14.470 toneladas composta na sua totalidade de barcos de nullo ou insignificante valor militar.



tenha outro inimigo, comprehende v. que não se transportam pelo mar como quem atravessa uma campina! O perigo de um desembarque existe para o paiz a quem pôde causar damno um exercito de 50 ou de 60 mil homens e que veja levantar como rival um que disponha de marinha para lhes servir de transporte e de escolta. Ninguem ignora que a Allemanha em poucos annos fez-se senhora d'essa marinha e que nós ficaríamos arrazados ao primeiro encontro com o primeiro corpo prussiano.

—E' tristemente verdade o que v. ex.^a diz, e o paiz, toda a gente, tem conhecimento d'isso, vive absolutamente indifferente a esse risco imminente.

—Vive, e não lhe serve de desculpa ser um povo pequeno. Mais pequena é a Dinamarca, e o dinamarquez é educado na comprehensão do seu dever de patriota, e, por isso, dois milhões de homens apenas como são defendem a sua nacionalidade como leões! No principio do seculo passado a Inglaterra mandou um Nelson bombardear Copenhague e a Dinamarca resistiu, e o almirante que tinha vencido em Aboukir teve trabalho, e que grande trabalho, para vencer nos estreitos do Baltico! A meio do seculo a Prussia quiz-lhe arrancar uns ducados e cha-



mou a Austria para a ajudar a retalhar o territorio dinamarquez! E agora, como a grandeza da Allemanha assoberba o mundo todo, a Dinamarca, zelosa da sua existencia, desconfiada da visinha pouco leal, cerca as cidades de fortalezas e enche as suas aguas de torpedeiros.

—Mas v. ex.^a faz a justiça de comprehender que os governos, no nosso estado financeiro...

—Não me venha com o nosso estado financeiro!

Por ventura com um orçamento de 70:000 contos não se pôde achar verba para uma marinha? Se o paiz tem deficit não é a marinha que lh'o tem criado, porque a marinha deixou de existir em Portugal no dia em que deixou de existir a riqueza do Brazil.

Portugal, comparado com essa mesma Dinamarca, gasta com as dependencias do ministerio do reino 14% das suas receitas, ao passo que a Dinamarca dispense apenas 10%, enquanto os orçamentos da marinha absorvem em Portugal 5% e na Dinamarca 8% da receita total. E a prova que não é o estado desgraçado das finanças portuguezas que impede que se construam navios novos, é que ha uns poucos de annos figura no orçamento a verba annual de 160 contos arancada como lei a um parlamento para a acquisição



de 160 contos arancada como lei a um parlamento para a acquisição



1—A corveta «Mudelik»: O que resta do navio que asylo os revoltosos de Saldanha da Gama.

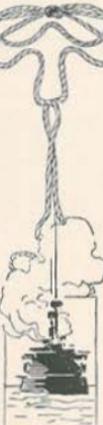
2—Mais um cadaver a tona d'agua: A canhoneira Quansa

3—O brigue Serra do Pilar: Reliquia do 2.^o quartel do seculo passado.

de material de defeza movel, e d'esses 160 contos nem cinco réis sequer foram ainda applicados em começar a bater a primeira chapa de um navio! Eu estou velho, meu amigo — exclamou n'um gesto de profundo desalento o nosso interlocutor — trabalhei no cumprimento do meu dever e tenho a consciencia a dizer-me que não fiz senão honrar o meu paiz. Affirmo-lhe com verdadeiro sentimento que é com tristeza de alma que tenho visto através da minha vida este aprofundar da marinha... e agora vejo-a tão baixo, tão baixo que não auguro que ella se torne a levantar! Ai porém de Portugal, que na cova onde de vez sepultarem a marinha hão de enterrar juntamente a existencia d'esta desgraçada nação!

E com estas palavras repassadas de desalento terminou, a instancias do illus-

senão discordar dos meus illustres camaradas de terra. O processo de se illudir o paiz, fazendo-o crer na grande força dos seus armamentos, foi o processo que seguiu a Hespanha até 1808, e todos nós sabemos a que despenhadeiro conduziu a nação! Não havia *magazine* nem jornaleco de illustrações que não fizesse o hespanhol fanfarrão esbugalhar os olhos e encher a bocca de *carabmas* na contemplação dos *acorazados de primera*! E o resultado viu-se; ao passo que Cervera dia a dia e por fim quasi hora a hora instava em notas e em telegrammas porque vissem bem o crime que iam commetter contra a patria fazendo-o avançar, a opinião, que já tinha imposto a guerra, impôz a marcha da esquadra, e a Hespanha que, sem fanfarronadas, tinha talvez ficado sem Cuba, perdeu a esquadra, perdeu as colonias todas e escreveu,



A esquadra do almirante Camara em Port-Said, na sua viagem ás Filipinas

tre official, a nossa primeira *interview*.

Em obediencia ao nosso plano, procurámos em seguida conhecer a opinião de um official dos quadros medios da marinha, distincto official superior que, em uma das suas muitas comissões, honrou sobre maneira o paiz, pon-do em destaque o seu nome.

Começámos, como na nossa primeira entrevista, por inquirir do nosso entrevistado a sua impressão sobre o artigo publicado em setembro nas columnas d'este jornal.

—O que tenho eu a dizer sobre elle senão que mereceu todo o meu louvor?

«Ouvi dizer que entre officiaes do exercito nem todos o tinham apreciado em bem, e n'esse ponto não posso

é a triste verdade, uma pagina de bem pouca gloria na sua historia. Não! Que commosco não succeda o mesmo! Se os meus camaradas do exercito, que de certo conhecem o pouco valor dos meios de que dispõem, preferem, o que aliás não creio, que sobre elles se mantenha uma illusão, nós em marinha e *una voce*, pode estar convencido, desejamos que Portugal inteiro saiba que os seus marinheiros nem tem navios em que ao menos vão para o fundo com gloria, porque estão condemnados a ir para o fundo sem poder dar um tiro!

—V. ex.^a, naturalmente, mui-

to justamente impressionado, carrega um bocado as côres?

—Eu carrego as côres? Está enganado.



Vi na *Popular*, quando era ainda órgão meio officioso do governo, para rebater as indiscutíveis verdades do artigo da *Illustração*, uma pequena local em que se dizia que os relatorios officiaes affirmavam que os exercicios d'este anno tinham provado á exuberancia que o campo entrincheirado impedia o ataque de Lisboa e que havia ainda a contar com o fogo da divisão naval fundeada a oeste de Belem que collaboraria assim n'um ataque de fogos convergentes que inutilisaria qualquer inimigo. Sem faltar ao respeito á sua illustre classe, direi que só se explica que tal se escrevesse por dever de officio n'uma redacção governamental; era preciso sahir á estacada e sahiu-se com os argumentos que se poudé arranjar, que se forjaram ali do pé para a mão, para Inglez vêr, com o eterno numero do relatorio official e a tal brincadeira dos fogos da divisão a oeste de Belem.

—Então o relatorio avançaria alguma cousa differente da verdade?



curso do Tejo, defendem a bahia de Cascaes e os canaes da barra, defendem o sitio onde tenham largado um pontão ou fundeado um alvo, tudo isso aredito eu muito sinceramente, deixando apenas no meu espirito um pequeno logar para a duvida que me causa o facto de não ter conhecimento senão do pequeno exercicio annual d'essas fortalezas. Mas além d'essa hypothese, que aliás enca-

rei pelo aspecto mais favoravel, porque ha bastantes exemplos de passagens que as esquadras teem

conseguido forçar, o relatorio não prevê decreto, senão não fallaria d'esta fórma, o facto de uma esquadra para atacar ou bloquear Lisboa se manter a uma distancia maior das peças de terra, facto que é tão natural que o primeiro é que seria extranhavel, ou ainda um outro que nunca vemos considerado e que a nosso vêr deve attender-se como muito verosimil, que é o de se achar já em Lisboa, no fundeadoiro do Tejo, fora dos



—V. comprehende que é muito melindroso para mim discutir o que se afirma ser dito pelas auctoridades competentes. Mas o que lhe posso afirmar, porque d'isso estou absolutamente certo, é que essas auctoridades não disseram nada que desfizesse o que se escreveu na *Illustração*. Que as fortalezas defendem as primeiras milhas do

angulos que as fortalezas batem, a esquadra do paiz nosso inimigo á data da ruptura das relações.

—E' verdade, não é costume pensar n'essa hypothese.

—Pois olhe, para mim é de todas a mais prova vel. Muito recentemente a guerra da Russia e do Japão rompeu sem previa declaração de hostili-



1—A corveta «Affonso d'Albuquerque»: Um apodrecido pontão sossebrando ao peso de um grande nome.

2—O cruzador «S. Raphael»: 10 annos de vida e 9 annos de concerto.

3—O torpedeiro n.º 11: O mais velho e o mais inoffensivo dos nossos torpedeiros, 30 annos de idade e de inutilidade.

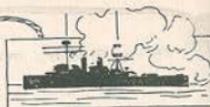


dades. Na historia não tem conta o numero de exemplos semelhantes. E o que vemos nós todos os dias? Vemos ao primeiro motim, ao primeiro desajustado dos governos, os fortes, as potencias, os que fallam pela voz dos diplomatas soprada pelos canhões das esquadras, mandarem estas nas apregoadas demonstrações navaes pacificas, mas promptas a transformar-se em bellicosas.

— E contra esse perigo estamos então inteiramente desarmados?

— Estamos, e era aliás bem facil de se defender. Alguns canhões de grosso calibre collocados em posição que dominasse o Tejo interior e uma defeza de torpedeiros que o nosso paiz não pôde deixar de ter, tornariam o fundeadoiro de Lisboa bastante incommodo, bastante inquietante, para em troca de meia duzia de ruinas feitas na cidade qualquer grande potencia se arriscar a perder na placidez das aguas do Tejo os muitos e muitos mi-

ro. As capitães são os corações das nações; ferido o coração, o corpo inteiro está tocado de morte. No resto da costa de Portugal, abstrahindo do perigo de um desembarque, perigo enorme, perigo inevitavel na nossa actual situação militar de terra e mar, o damno que uma esquadra pôde produzir com um ou outro bombardeamento, queimando choupanas de pescadores ou mesmo bairros interiores de commercio, poderá ser muito sensível a esses pescadores e a esses commerciantes, causará o panico em Mattozinhos ou na Nazareth, mas não forçará um governo que não tenha a fraqueza do hespanhol em 1898 a capitular deante d'esse ataque. Muda porém o caso de figura suppondo em frente de Lisboa uma esquadra de colossos couraçados. Ao ataque de Lisboa respondeu-se no principio do seculo com a fuga para o Brazil, e hoje, que o paiz não tem, desgraçadamente, melhora



14.218-T

Area representativa da SOMMA da tonelagem de todos os navios da esquadra 7) portuguez

D. Carlos.....	4190 ton.
Vasco da Gama....	2974 "
Adamastor.....	1969 "
S. Gabriel.....	1793 "
S. Raphael.....	1772 "
Raimb D. Amélia..	1640 "
	14218 "

14.760-T

Area representativa da tonelagem de um 90 dos novos couraçados hespanhoes

19.500-T

Area representativa da tonelagem de um 50 dos novos couraçados brasileiros

26.000-T

Area representativa da tonelagem de um 50 dos novos couraçados americanos

lhões de libras que representa uma esquadra de «Dreadnoughts». Como pôde vêr, os fracos também pôdem metter respeito! Ha um proverbio que diz «cada um em sua casa pôde tanto que até depois de morto são precisos quatro homens para o levar». Pois com as nações dá-se cousa parecida. Sómente quando os homens, por desleixo, se deitam a dormir sem fechar as portas de casa, qualquer gatuno lh'a invade, lhe rouba a sua riqueza e lhe crava um punhal no peito se elle se quizer erguer e reagir. Portugal dorme esse somno descuidado e se um dia acordar com o inimigo dentro de casa, por culpa de Portugal, sómente por culpa de Portugal, morrerá sem se poder defender!

— A exposição de v. ex.^a é clarissima. As columnas da *Illustração* com as palavras de v. ex.^a não despertarão no paiz só quem não quizer despertar.

— No paiz, diz bem, no paiz todo, porque ninguem se esqueça de que um ataque a Lisboa no caso de uma guerra é um ataque a Portugal intei-



nos elementos de defeza, a resposta ao ataque de Lisboa havia fatalmente de ser a capitulação.

— E v. ex.^a pensa que está nos recursos do paiz poder resistir a esse ataque?

— Parece-me ter-lhe dito o que, a meu vêr, era necessario fazer para o caso d'essa surpresa.

— Mas não especializando essa hypothese, Portugal poderá armar-se para se defender?

— Na minha opinião, não só pôde, mas deve.

O orçamento da marinha, administrado de outra forma, permite, sem duvida alguma, melhora da nossa situação naval; mas não é só a esse orçamento que devem ir buscar-se os recursos, porque a marinha não é da marinha, a marinha é do paiz! Ha pouco tempo, já no actual reinado, houve um ministro que annunciou reorganisar a marinha, ou por outra, criá-la, que ella precisa feita *de fond en comble*, e que tencionava, segundo se dizia, aproveitar, bem espremido, o orçamento da marinha, começando por isso por cortar uma pequena gratificação que

tem os instructores da Escola Naval a mais, ao todo, uma duzia e meia de officiaes, para com todas essas economias se arranjam recursos. E' tal o patriotismo da minha classe que, affirmo-o com orgulho, não se ouviu uma voz de lamento e creio ser a minha, que de todo sou estranho a esse interesse pecuniario, a primeira que se revolta contra essa malograda intenção.

E' que não ha nada, a meu vêr, mais injusto do que essa compenacção em que esse ministro estava de que a marinha havia de ser feita á custa do sacrificio pecuniario exclusivo dos officiaes que a haviam de tripular, como se os futuros, — menos que futuros, — imaginados navios fossem os *yachts* de recreio d'esses officiaes! Estão promptos os officiaes de marinha a dar a sua quota de dinheiro no sacrificio nacional, a em da vida que lhe offerecem, mas espresmam-se os orçamentos de todos os ministerios, exija-se do paiz todo o sacrificio que seja preciso, porque a marinha é para o paiz, e, sem ella, o paiz não é senhor do seu destino.

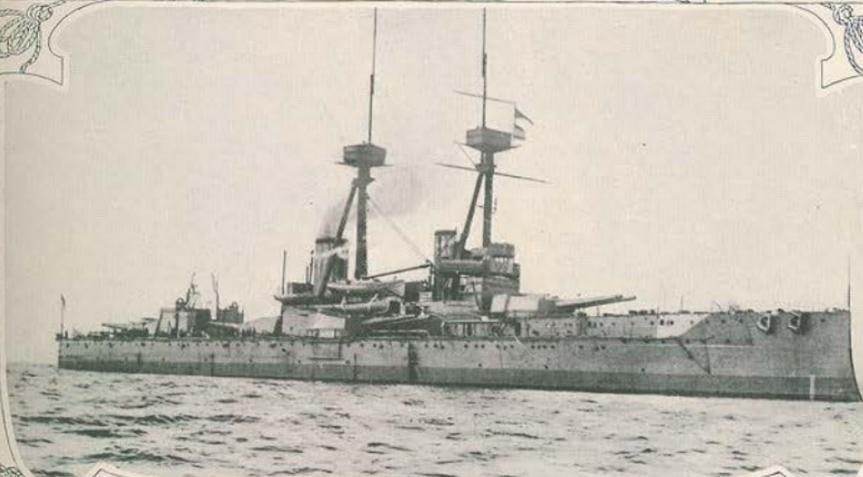
—Mas v. ex.* deve ao menos condescender n'uma coisa; a diversidade de vistas da nossa officialidade é um embaraço de que se queixam todos os governos que teem tido a boa intenção de melhorar a marinha.

—Está v. enganado. Não condescendo coisa alguma. Essa defeza é a defeza da politica, da politica nociva e embaraçante, sem forza para levar por diante uma boa intenção através dos embaraços que toda a administração deve encontrar!

«De que se queixam? De haver officiaes que querem torpedeiros, de haver officiaes que querem «Dreadnoughts», de opinarem uns

pelos grossos calibres da artilharia, outros pelos calibres medios? Mas em que marinha deixa de vêr-se essa diversidade de opiniões, quando evidentemente o meio se presta como nenhum a essa fertilidade de modos de vêr? A França seguiu annos atraz das idéas do almirante Aube e da sua *jeune école* encheu a marinha de cruzadores rapidissimos, com que joga va anniquilar o commercio da Inglaterra, e encheu Toulon e Brest com os trezentos torpedeiros que ainda representam uma *poisra* digna de respeito. Nos orçamentos dos annos seguintes começou a construcção de grandes couraçados, e hoje, quanto o orçamento lhe permite, acompanha as outras potencias na furia dos «Dreadnoughts». Mas arma-se, arma-se sempre!

«A Inglaterra de um anno para o outro baixou 5 milhas na velocidade dos seus destroyers! Não parece um absurdo? Não parece logo á primeira vista um erro? Pois houve officiaes da marinha ingleza que o advogaram e nem por isso a corporação foi accusada de evitar o armamento do paiz! O que paiz algum faz é deixar de se armar, porque ha pontos de vista diversos na maneira como os officiaes encaram o material a adquirir. Venha elle, venham esses navios, e os partidarios das grandes unidades serão os primeiros a celebrar cheios de regosijo a entrada no Tejo de uma nova esquadriha de torpedeiros, assim como os entusiastas da defeza movel irão cheios de prazer servir o seu paiz a bordo de um grande couraçado! Nós sabemos que se nos faz essa accusação; citam-se nomes de altos politicos que se desculpam da sua esterilidade n'esse assumpto com a divergen-



O mais recente «Dreadnoughts» da esquadra ingleza.



cia da opinião dos officiaes de marinha. Podemos bem com essa culpa! Temos companheiros em todas as marinhas... Esses politicos

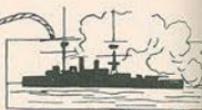
é que não tem companheiros no governo de nenhum outro paiz.

— V. ex.^a desculpe eu alongar a conversa, mas eu desejava ouvir a opinião de v. ex.^a sobre esse problema da escolha do material que nos convem.

— Digo-lh'a, porque tenho a certeza de que commigo pensa a grande maioria dos meus camaradas, apezar da tal divergencia de que somos accusados, e para que o paiz veja que o material a adquirir, para o qual é mister fazer um maior ou menor sacrificio financeiro, não é, na opinião da minha classe, tão grande que esteja fóra dos recursos possiveis do paiz.

«Hoje, as construcções navaes de todos os paizes, quasi que se cifram em dois typos de navios: os grandes navios para combate de esquadra e os navios torpedeiros, auxiliares da esquadra e da defeza movel. Obedecendo a esse criterio, no qual a officialidade da nossa marinha é quasi unanime, nós devemos, na ultima cathogoria citada, investigar o que se torna necessario á defeza do porto de Lisboa e á pequena extensão da costa continental que um vôo de torpedeiro abraça quasi do norte ao sul. E assim não será difficil vêr que com a propria verba orçamental actualmente concedida á marinha, administrada convenientemente, podia muito á larga adquirir-se e construir-se todo o material da defeza movel e mantel-a no grau de actividade e de instrucção necessarias, montando por exemplo em Lisboa, no Douro e no Mira ou no rio de Portimão, que me parecem ser os pontos naturalmente indicados para base d'essa defeza, estações de torpedeiros e submarinos que vigiassem e defendessem a costa de Portugal. Com a ameaça dos torpedeiros durante a noite e dos submergi-veis durante o dia, a costa de Portugal não tinha muito a temer o desembarque feito de qualquer comboio. Além d'isso, o porto de Lisboa, como está por outros amplamente demonstrado, carece imprescindivelmente d'essa defeza complementar. Os partidarios da defeza movel não pensam porém que deva ahí findar a nossa aspiração. Deverá ser o que citei o passo a dar enquanto não fór possivel alargar o orçamento da marinha muito além da actual verba; no dia porém em que Portugal puder fazer o sacrificio financeiro necessario para o seu completo armamento, o paiz tem a necessidade e a obrigação de adquirir uma esquadra de combate que lhe permita exercer, como é exigido, o seu papel na alliança a que está ligado, valorisando com essa esquadra e com as obras necessarias nos portos as suas posições estrategicas, e armando-se o sufficiente para poder combater o seu inimigo provavel sem estar á espera que a esquadra ingleza nos venha defender, como bem brutalmente e des-illudindo os ultimos ingenuos dizia outro dia o artigo decantado do «Manchester Guardian».

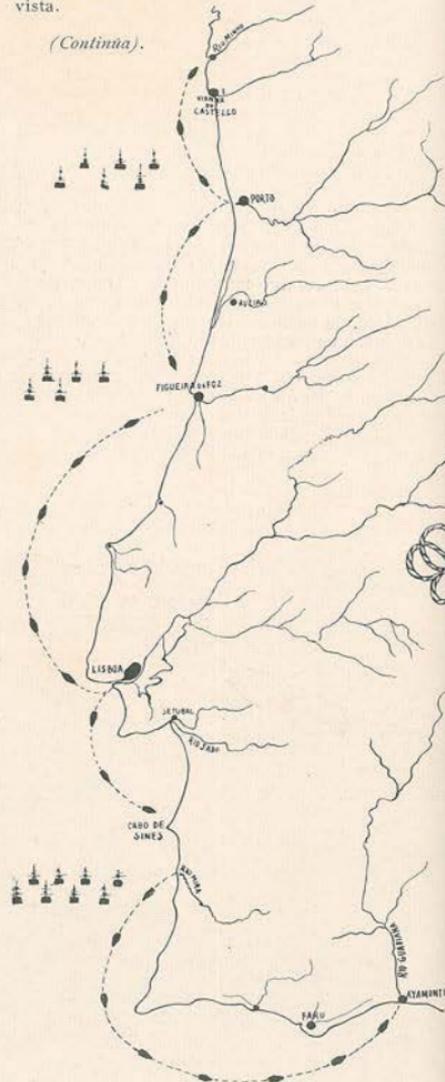
«Aqui tem a minha opinião, e este modo de vêr, se não é de todos, pôde crêr que é de quasi todos os officiaes da marinha portugueza.



Este descalbro em que estamos, esta inercia criminoso em que o paiz se encontra sem tentar sahir d'esse descalbro, d'isso é que não ha partidarios nenhuns entre os centos dos meus camaradas.

E gratos á longa conversa que nos tinha proporcionado, demos por finda a nossa segunda entrevista.

(Continua).



Com a verba orçamental actualmente concedida á marinha poderia adquirir-se todo o material de defeza movel, montando em Lisboa, no Porto e no Mira estações de torpedeiros e submarinos que vigiassem e defendessem a costa de Portugal

AS REVISTAS

ACTUALMENTE EM THEATROS

A revista do anno é o genero theatral que mais agrada ao nosso grande publico ávido de vêr transplantados para o palco os ridiculos, os grotos os, os casos seus conhecidos, d'uma fôrma que será tanto mais apreciavel, quantos mais ditos d'espirito contiver. Das revistas actualmente em scena foi o *Sol e Dó*, que se representa no theatro Avenida, a primeira a apparecer, com o seu quadro da viagem ao polo, onde os explorado.



DO ANNO

·SCENA·NOS·
·DE LISBOA·

res Cook e Peary disputam sobre os gelos.

São seus auctores Accacio de Paiva e Luiz d'Aquino, com a collaboração musical dos maestros Del Negro e Calderon. e a peça, com o seu fundo de critica leve, decorre em tres actos de scenas bem trabalhadas, com elegantes figuras femininas, n'uns quadros scenographicos de artistica phantasia, fazendo o commentario alegre aos acontecimentos do anno.



Auctores da revista *Sol e Dó*
1—Accacio de Paiva
2—Maestro Del Negro
(Cliché BIEL)
3—Luiz d'Aquino
(Cliché da phot. VASQUES)



A orchestra politica
Final do 1.º acto da revista *«Sol e Dó»*, em scena no theatro Avenida
(Scenographia de Eduardo Reis pae)



Seguiu-se á revista do theatro Avenida a que se intitula *Fado e Maxixe* e se representa no Rua dos Condes. Os seus auctores são André Brun e Baptista Coelho. Pela primeira vez collaboraram um portuguez e um brasileiro em trabalhos d'este genero, do que saíram resultados apreciaveis, quadros de costumes do Rio de Janeiro e de Lisboa, scenas flagrantes, espirituosamente tratadas, ditos de bom humor applicados a essa viagem do Fado que vae ao Brazil d'onde o Maxixe vem para

Portugal. Em volta borda-se o commentario e a peça apresenta-se com trechos de musica popular dos dois paizes, engenhosamente coordenados pelo maestro Luz Junior, tendo tambem uma scenographia cuidada, movimento bem ordenado e de largo effeito de comparsaria, sobretudo no ultimo quadro, que é a exhibição de todas as danças usadas no Rio de Janeiro pelo Carnaval.



Auctores da revista *Fado e Maxixe*
 1—Baptista Coelho
 2—Maestro Luz Junior
 (Cliché MOURÃO)
 3—André Brun (Cliché VASQUES)



Tudo dança!
 Final do 3.º acto da revista *Fado e Maxixe*, de Baptista Coelho e André Brun, em scena no theatro da rua dos Condes. (Scenographia de Rovescalli)



A revista em scena no theatro do Principe Real intitula-se *Sol e Sombra*. Foi a ultima a representar-se e é assignada por Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz. Vive das cousas chistosas, dos ditos, das situações picarescas que constituem o fundo d'estes trabalhos. E' alegre e faz a critica da vida lisboeta; n'um scenario de ruas e praças surgem os typos para a satyra. Apresenta, com a scenographia cuidada e o guarda roupa bonito do quadro das rendas, alguns bellos effeitos de machinismos como na scena da



1—O maestro Philippe Duarte—(Cliché FERNANDES)
2—O maestro Carlos Calderon—(Phot. HELIOS)

Noite do Natal, que publicamos e que se mostra cheia de brillantismo, de luz e de cor com o pião gigantesco redemoinhando e levando nas suas voltas as creancitas pittorescamente vestidas n'uma interessante apothose.

A musica, cheia de vivacidade, bem applicada em varios trechos da peça, é dos maestros Philippe Duarte e Carlos Calderon.



Auctores da revista *Sol e Sombra*
1—Ernesto Rodrigues
2—Marçal Vaz
3—Felix Bermudes
(Clichés de VASQUES)



Natal
Final do 1.º acto da revista *Sol e Sombra* em scena no theatro Principe Real.
(scenographia de Salvador Marques)
(Cliché de BENOLIEL)

A VIDA A BORDO DE UM TRANSATLANTICO



A' passagem do Equador ha sempre uma grande alegria a bordo. A mascarada faz-se n'um velho habito: a marinagem disfarça-se em trajos patuscos de divindades pagãs. O baptismo dos que pela primeira vez passam a linha impõe-se com a propina á tripulação, seja n'um barco vulgar ou n'um transatlantico modernissimo como esse *Wilhelm II*, d'onde os passageiros jogam partidas de xadrez, pelo telegrapho sem fios, para bordo d'outro soberbo paquete como o *Friedrich August*.

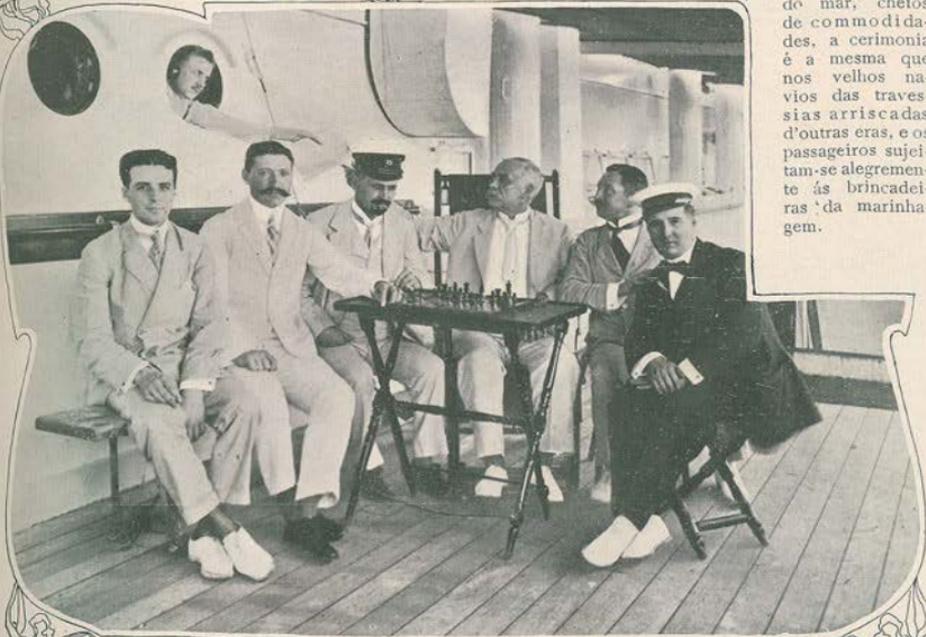


- 1—A meza do commandante Wiehr, a bordo do *Wilhelm II*. A' direita do commandante vêem-se os srs. viscondes de Meyrelles, em viagem para o Rio da Prata.
 2—A cerimonia tradicional da passagem da linha. O baptismo dos que pela primeira vez atravessam o Equador.



1—Um baile costumé;
a bordo do *Wilhelm II*,
em viagem
para Buenos Ayres.

A tradicional festa em que Neptuno reina na pessoa do mais velho marujo da equipagem não acaba, apesar de todos os progressos, e por isso, n'esses colossos do mar, cheios de commodidades, a cerimonia é a mesma que nos velhos navios das travessias arriscadas d'outras eras, e os passageiros sujeitam-se alegremente ás brincadeiras da marinhagem.



2—Uma partida de xadrez, a bordo do *Wilhelm II*, jogada pela telegraphia sem fios com passageiros do *Friedrich August*, que vem navegando em sentido inverso. Na nossa photographia vê-se o empregado do telegrapho no momento de entregar um dos telegrammas recebidos ao Presidente do Club de Xadrez de Buenos Ayres.

FIGURAS E FACTOS

AFFONSO LOPES VIEIRA—O illustre auctor do *Pão e as Rosas*, iniciou brilhantemente no theatro D. Maria a serie de conferencias intituladas *Saraus dos Poetas*. Descrevendo a poesia portugueza, mostrou como o povo tem sabido conservar, atravez de todas as desgraças da patria, o seu lyrismo ancestral.

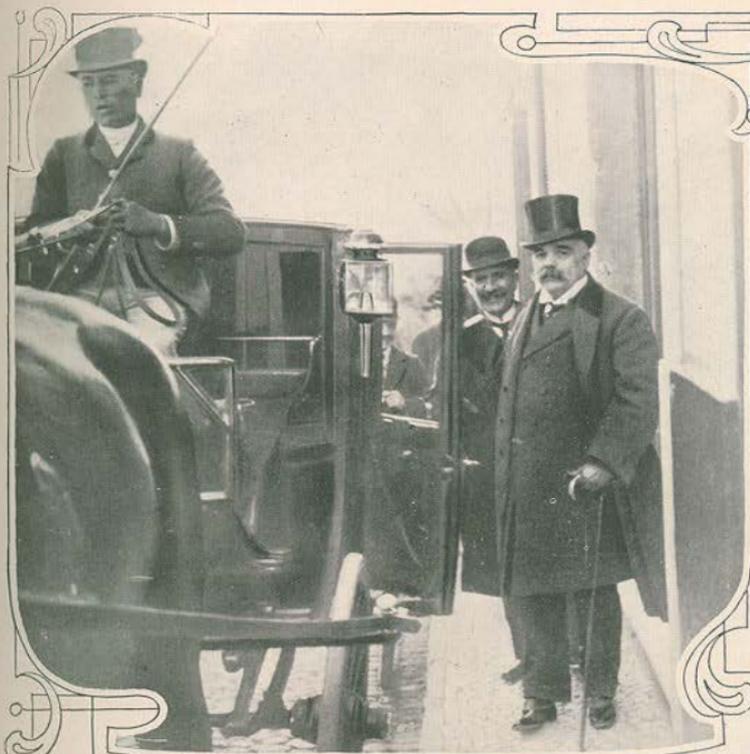
Luar de Janeiro é o titulo do livro d'esse artista de raça tão commovedor e tão subtil que os seus versos passam da obra para a bocca do povo, que d'elles se apropria e os vae cantar nas suas diversões. Augusto Gil, que entre a sua geração academica se distinguira pelo seu grande talento poetico, colloca-se com este livro delicado, na primeira fila dos poetas portuguezes contemporaneos.



1—Afonso L'pes Vieira. 2—Augusto Gil.

3—A nossa photographia representa uma scena domestica vulgar na ilha de Cuba: a substituição do biberon, na alimentação das creanças, pela propria cabra, que representa economicamente nos latex pobres o papel dispendioso da ama.

(Cliché DELIUS)



está fazendo experiências na América, subiu no seu aeroplano á altura de mil quinhentos e vinte metros, batendo d'este modo o record da altura.

Paulhan foi alvo d'uma grande manifestação e entrevistado por um jornalista declarou de-sejar elevar-se ainda a maior altura, fixando-a em mais de mil e oitocentos metros, o que se tornará difficil de ser excedido por outro aviador. Ultimamente Paulhan percorreu em sessenta e tres minutos quarenta e cinco milhas, preparando-se para bater Curtiss, o seu competidor em velocidade, como conseguiu a victoria sobre o record de Latham.

1.—O sr. conselheiro Teixeira de Sousa, saindo do centro da rua do Norte, onde foi aclamado, chefe do partido regenerador na assembleia do dia 16
(Clichê de BENOLIEL.)

2.—O aviador Paulhan depois de bater o record do mundo em altura.
(Clichê da WOLD'S GRAPHIC PRESS)

Latham obtivera em 7 de janeiro o titulo de campeão aviador da altura ao subir no seu monoplano Antoinette no aerodromo de Mourmout-le-Grand. De começo elevára-se a seiscentos metros e logo a mil, demorando-se nos ares por espaço de quarenta minutos e voando o aparelho á razão de cincoenta kilometros á hora.

Ultimamente, porém, Paulhan, o aviador que



A CHEIA DE DEZEMBRO EM ULLA ERANCA



- 1—Aspecto do Cabo de Villa Franca em 25 de dezembro.
2—Aspecto geral de Villa Franca e arredores inundados pelo Tejo. 3—Um barco no campo.
(Cliché tirado em 25 de dezembro)
4—O largo do Fidalgo, em Villa Franca, na manhã de 25 de dezembro.



1—Os campos de Villa Franca inundados.
(Clichê tirado da Costa Branca em 23 de dezembro)
 2—A estrada de Samora em 25 de dezembro. 3—A estrada do Cabo, em Villa Franca,
 em 25 de dezembro.
(Clichês do sr. JOSÉ MARIA JORGH COUTINHO)

•COMO ACABA O 1º ACTO DE UM DRAMA JUDICIARIO



Os dois implicados no roubo do cartuchame da Alfandega
 1—Adelino Fernandes, 2—Adelino Fernandes conduzido ao juizo de Instrução Criminal para ser remetido ao tribunal da Boa-Hora 3—O ex-sargento Furtado, 4—O ex-sargento Furtado a caminho da Boa Hora.
 (Clichés de BENOLIEL)



Maria Carrera

A celebre pianista Maria Carrera, universalmente considerada a mais completa interprete de Chopin, e que n'este momento, depois de uma serie de concertos na Allemanha, percorre a Italia por entre applausos entusiasticos, far se-ha ouvir brevemente ao publico de Lisboa no theatro D. Amelia.



João Maria Ferreira

Que instituiu um premio de 30\$000 réis para ser distribuido pela Academia de Sciencias de Portugal n'um dos seus concursos.



Antonio Augusto d'Almeida Carvalhaes

Uma das mais illustres individualidades da colonia portugueza do Rio de Janeiro, auctor de um recente e notavel artigo sobre *A colonia portugueza no Brazil e a iniciativa da Sociedade de Geographia de Lisboa*.



1—Carlos Pereira Cardoso. 2—Joaquim Leitão. 3—Antonio de Azevedo. 4—Marques Gomes.

N'uma edição luxuosissima acaba o distincto photographo portuense Carlos Pereira Cardoso de reunir, acompanhados de um interessante texto devidos á penna brilhante de Joaquim Leitão, uma copiosa serie de documen-

tos photographicos referentes á primeira viagem do Chefe do Estado ao norte do palz. As paginas consagradas a Aveiro e Barcellos são respectivamente escriptas pelos srs. Marques Gomes e Antonio d'Azevedo.



Vestido de visitas em veludo verde com guarnições de prata
—Redern

Os modelos de vestidos Redfern e Bechoff David são sempre os preferidos por todas as senhoras que teem a *toilette* como uma grande arte. Realmente são verdadeiras criações os trabalhos dos illustres costureiros e que se guardam anciadamente.

A *Illustração Portuguesa*, publicando modelos d'esses artistas, e que são a ultima expressão da moda em lindos vestidos de visita e de interior, de certo será agradável ás suas leitoras, a quem os offerece, certa que ellas lh'o agradecerão.



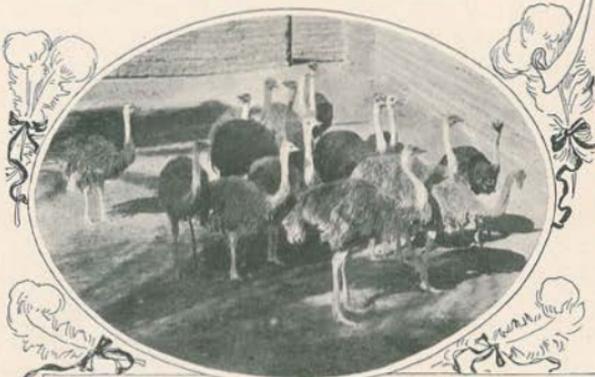
Vestido de interior, de Béchoff David, confeccionado para M.^{me} Sairier, na peça
La Petite Chocolatière
(Clichés V&A.2X.)

PENNAS DE AVESTRUZ

O avestruz deve ter nascido sob a égide protectora de qualquer estrella favoravel, porque só assim se explica que, sendo um tão opulento provisor da moda, escape á triste sorte dos pequenos e graciosos mamíferos sacrificados por causa das suas pelles macias e quentes, e á dos gentis e vistosos passaritos, mortos em verdadeiras hecatombes. O deselegante gallinaceo africano, com as grandes pennas molles e fluctuantes das suas azas, é talvez o unico ser animal que não paga com a vida a gloria de ter alguma coisa invejada pelo capricho feminino. E até, se os avestruzes ainda não desapareceram de todo, massacra-los pelos arabes e africanos, apesar da mediocridade da sua carne apaixonados struthiophagos, é porque a conveniencia do commercio da moda os tem disveladamente defendido. Não esqueça que a fabricação das plumas de avestruz e as transacções a que ellas dão logar representam annualmente um movimento de negocios tão consi-



deravel que se avalia approximadamente em cem milhões de francos. Mas tanto é assim que no Sudão central, como na Africa austral, não se encontram já hoje em dia aves selvagens, estando a domesticação do avestruz generalizada em quasi todo o continente negro. O Egypto, sobreterudo, é que explora a industria das pennas de avestruz, que exporta em gran-



1—O avestruz, collaborador da moda eminina. 2—Avestruzes aguardando a comida.
3—Um parque de criação de avestruzes no Egypto.



des quantidades, tendo estabelecido para esse fim varias *farmes* ou parques. Entre estes, um dos mais conhecidos é o de Heliopolis, situado mesmo na orelha do Sahará, do qual os nossos leitores poderão ter uma curiosa idéa pelas photographias que hoje lhes offerecemos.

Os systemas usados nos parques de criação são diversos. Os inglezes seguem quasi sempre o processo da incubação artificial em machinas especiaes; outros contentam-se com a eclosão natural ou adoptam algum dos antigos meios indigenas, que, ás vezes, não deixam de ser engenhosos. No Sahará occidental, por exemplo, os ovos eram mettidos n'um sacco com sementes de algodão, as quaes, germinando, forneciam o grau de temperatura necessario; e Emin Pachá refere que os habitantes das margens do lago Nyanza os enterravam em palha, que, ao fermentar, determinava a eclosão.

Cada femea de avestruz põe, em

uma cova aberta na areia, doze a quinze ovos, que choca nas regiões menos quentes da Africa, mas que abandona na zona torrida, ao calor solar durante o dia, tendo só o cuidado de se conservar sobre elles durante a noite. A mãe é, de resto, bastante solícita com a sua ninhada, da qual nunca se distancia demasiado. Mesmo quando porventura é surpreendida, em lugar de fugir em linha recta, contenta-se em correr, fazendo pequenos circuitos, até acabar por cair de fadiga. Nos parques, os avestruzes vivem pacificamente em rebanhos, sendo pouco difficil a sua alimentação, porque devoram todas as substancias vegetaes e animaes que lhes offerecem. O parque de Heliopolis tem uma produção importantissima, e é de lá que veem para Paris e depois são distribuidas por quasi todo o mundo as mais bellas plumas que enfeitam os chapéus das senhoras e ainda os capacetes militares.



1—Um rebanho de avestruzes. 2—O depennar de um avestruz.
(Clichés DELIUS)

O NOVO CHEFE DO PARTIDO REGENERADOR

A morte de Hintze Ribeiro, gasto prematuramente pelo *surmenage* e pelos desgostos, veio trazer á politica portugueza, lançada de ha muito nas esteires luctas de personalidades, devoradoras de energias e de caracteres, uma serie de perturbações de que se torna ainda impossivel abranger todas as consequencias. Essas perturbações não admira que em primeiro logar se originassem dentro do grande organismo politico de que elle era o prestigioso dirigente. Ainda o seu cadaver, revestido da farda de conselheiro de Estado com que morrera, repousava na camara ardente da casa de S. Bento, aguardando o funerarico coche real que devia transportar-o ao cemiterio, e já as ambições se agitavam em redor da sua herança, na alma de muitos que velavam, preoccupados e taciturnos, os seus restos mortaes.

Mas—singular espectaculo esse foi!—só um homem, entre os que melhor podiam, pela hierarchia e pelo merito, justificar a aspiração de a receber, ou-sou proclamal-a n'um nobre impulso de franqueza. Esse foi o conselheiro Teixeira de Sousa, ultimo ministro da fazenda do chefe extinto. E logo todos aquellos a quem a publicidade das suas ambições havia intimidado e procuravam fazel-as vingar com sinuosos stratagemas, ficaram interditos perante o desassombro d'essa coragem, que vinha inespereadament nte prejudicial-os nos seus calculos.

A eleição immediata do successor de Hintze Ribeiro teria dado talvez um desenlace pacifico ao conflicto inevitavel, preservando o partido das crises que posteriormente o dividiram. Mas nenhum dos concorrentes silenciosos do conselheiro Teixeira de Sousa ousou, n'esse momento propicio, aventurar a sua ambição inconfessada ás surpresas do suffragio eleitoral, e os ministros honorarios reunidos d-cidiram, contra a opinião sagaz do conde de Paçõ Vieira, protelar a resolução do pleito, decretando a constituição de um directorio composto dos conselheiros Antonio de Azevedo, Pimentel Pinto, Campos Henriques, Wenceslau de Lima e Teixeira de Sousa—este ultimo o unico candidato que abertamente se propuzera á investidura das disputadas funções de chefe do partido.

O expediente não favoreceu porém as ambições dos retardatarios, e o synhedrio acabou por contrapôr, em ultimo recurso, á candidatura Teixeira de Sousa a candidatura Julio de Vilhena, encobrando com a magnanimidade da desistencia os vaidosissimos despeitos.

Posto na contingencia de submeter-se ao candidato official do directorio ou abrir com o seu grupo numeroso uma dissidencia perigosa no partido, o conselheiro Teixeira de Sousa abdicou da sua aspiração e reconheceu o chefe que lhe impunha a triumphante conspiração dos adversarios. Essa crise que elle não quizera originar ia, porém,

provocou-a, um anno depois, o conselheiro Campos Henriques, desligando-se do chefe que elle proprio elegera. Organizado, sem o apoio do seu partido, um ministerio, o conselheiro Campos Henriques, divorciado do conselheiro Julio de Vilhena, emancipava-se voluntariamente de toda a disciplina partidaria, creando-se uma autonomia que a assembléa do partido regenerador solemnemente reconheceu, repudiando-o do seu convivio. N'essa hora se

fundava na politica portugueza um novo partido, dispondo de valiosos elementos parlamentares e eleitoraes: o partido do conselheiro Campos Henriques, que em nada prejudicou a hegemonia do partido regenerador, presidido pelo successor eleito de Hintze Ribeiro. Na

vore genealogica d'essa chefia não houvera uma interrupção. De Fontes passára a Antonio de Serpa, d'este a Hintze Ribeiro e por morte d'este a Julio de Vilhena.

A resignação que do seu cargo vitalicio fez o conselheiro Julio de Vilhena devolveu á assembléa eleitoral do partido, que o acclamára chefe, os direitos incontestaveis de o substituir. D'esse direito ella usou na reunião de 16 de janeiro, elegendo por acclamação, nas salas do centro official do partido, o conselheiro Teixeira de Sousa, que inaugurou com a sua investidura a pratica salutar, e tão reclamada pela opinião publica, de apresentar ao paiz, como titulo á sua confiança, um vasto programma de governo.



Sr. conselheiro Teixeira de Sousa, chefe eleito do partido regenerador na assembléa de 16 de janeiro.—(Cliché FERNANDES)



Um vôo de Bleriot na presença
tado-Makor do exer-

(Conclusão)

Este inicio da jornada para regiões mais altas, — sômente accessíveis á ave, e d'ora avante ao homem, — emprehendida por individualidades cuja loucura, ha vinte annos, servia de desopilante nos intervallos de sessões academicas prehenes de sciencia, é, ainda, a eclosão medrosa d'uma flôr deslumbradora, cujas petalas, n'um conchego de vida nascente, mal deixam entrever a plenitude radiante.

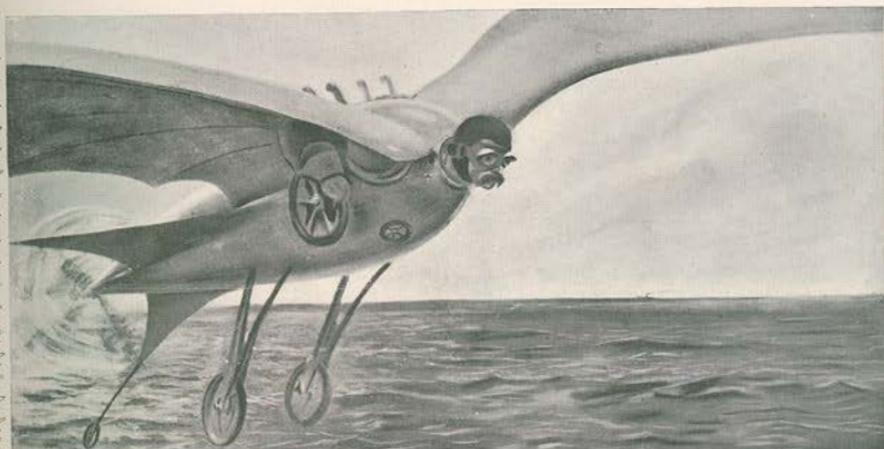
A phantasia pode, sem duvida, seguir de

do Imperador d'Austria e do Es-
cito austriaco.

perto o trilho da evolução; os acanhados limites da vida terrestre permitem ao homem gizar o futuro, que é apenas a imagem do passado e mais: algumas idéas concretizadas, feitas carne, palpantes; e assim, como disse Anthero:

A cavallo, a cavallo, á Phantasia;
Armemos uma tenda em cada estrella.

Mas não precisaremos visar tão alto. O ingresso no reino dos poetas levar-nos-hia a



O homem pázaro do futuro

Esta phantasia corresponde mais do que á primeira vista se supporá, ás possibilidades dos recursos futuros da locomoção aerea
(COMPOSIÇÃO DE GEORGES SCOTT)

perder de vista o reino das aves, onde agora é mister pairar.

A legislação sobre aeronaves está feita, e sabe-se que prevê desde já todos os casos da moderníssima forma de locomoção n'um espaço de tres dimensões.

A mão ferrea da lei ascendeu já á vastidão do céu! Bastou que meia dúzia de homens pairassem durante minutos para que o legislador puzesse limites ao espaço...

Espera-se, portanto, que das vastas regiões já montadas para explorar a n'va industria, saiam, dentro de pouco tempo, como d'um cortiço ou d'um pomal, bandos d'insectos e d'aves... artificiaes, levando ao alto um ramo d'oliveira, uma conspiração, uma mensagem de guerra ou uma caixa de bombas explosivas, que deixado cair... quando evlarem á lei um sorriso de cumprimento.

Com effeito quando a malade humana souber aproveitar a quasi absoluta independencia da machina voadora — a melhor marca — o céu apresentar-se-ha trecho d'uma singular emoção. A casta do mal tragará de preferência no céu a sua derrota de arcaicas ou de peregrinado. Entre as centenas de aeronaves que dentro de vinte annos cruzarão o espaço, vao lá distinguir as que transportam um pensamento de paz das que guardam a premeditação d'um crime. A proseguição aerea, em aeroplano, é possível, mas tão contingente que em cem annos um só vingará.

Quando á aborçagem, sem pensar n'ella, á dar se, calharem as duas machinas no mesmo turbilhão de zig-zags tremedros. Contentar-se-hão, pois, em seguir-lhes o rasto se a velocidade de regimen e a provisão de energia permitirem, ou então a vê-los de longe perliar o espaço, á ouvir approximarem-se e perder-se o rufar das hélices, o vibrar doslo dos

restores d'ago e a detonação indoltruzida do motor alarmando as consciencias boas e uma acorriada que passa.

A noite será a hora propicia d'Arnéme Lupin, uma edição aerea muito melhorada, em que o celebre *carro*, adaptado ás idéas d'um inventor suprimido, não precisa de *garage* especial; pouca n'uma planície ou n'uma penha onde as agulhas dormem, e dispõe d'uma velocidade, que os sabios, consultados por Sherlock, classificam de impossível. O que será o céu nocturno d'aqui á vinte annos? Não mais tenso, pelo menos nas cidades e suburbios, a lealdade pensativa das noites estreladas, nem o silencio tommeço das noites de luar. As estrellas longínquas e tremulas já se não distinguem dos fumes que passam a dois mil metros d'altura. E' um céu singular de raios vagabundos lá muito ao alto, d'outros mais rápidos a uma altura meilla e d'outros, ainda, extremamente velozes quando á traç artificial ro-

qui, quasi, as arvores das avenidas, á entranhas das praças, os tetos dos edificios.

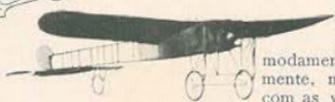
Começarão então as travessias oceanicas, em zonas d'antão estabelecidas para cada época do anno, e poder-se-ha travessar o espaço que separa as Pyramides da cavilheteira dos Andes em quatro dias, aproveitando no trajecto as largas docas fluctuantes pejudas de abastecimentos.

Os motores Antoinette, Rep, Gnome, Durand e outros deverão ceder o lugar á turbina de explosão, tornando então mais facil a solução helicóptero, que é uma das formas do mais pesado que o ar.

Tudo isto é possível, ia dizer certo, mas por agora, dentro do campo positivo que tomámos por thema, sabe-se ámente que a evolução não pára e que n'um periodo mais ou menos proximo, mais inflexivel, se voará por esse vasto



Um Sherlock-Holmes perscrutando as Áreas Lúas, n'uma noite de 1908...



paiz das aves com toda a segurança, comodamente, deliciosamente, mas não, talvez, com as velocidades loucas, adrede citadas quan-

do se fala nos voadores futuros. Como serão elles? Que fórmãs bizarras ou que linha esthetica lhes concederá a segurança? Serão aeroplanos, helicoplanos, ornithopteros? Impossivel de prever. Quanto á velocidade, alliou-se sempre á machina de voar a idéa de rapidez vertiginosa, mas os factos parecem desmentir os presentimentos, pelo menos nos aeroplanos. Estas machinas, cujo vôo é regido por leis rigorosissimas, distancia-se por completo e de nenhum modo se sujeita ás condições dos outros modos de locomoção. Se n'um barco, n'um balão ou locomotiva, substituímos o motor por outro mais potente, obteremos, sem duvida, uma velocidade tanto maior quanto mais poderoso fôr o motor. No aeroplano, a mesma substituição não aumentará a velocidade visivelmente, altera-lhe apenas a linha do vôo e as condições de equilibrio, de tal modo que, com o excesso de força, o aeroplano subirá, sem governo que o faça descer. Se este excesso de propulsão ou tração fôr ainda além de certo limite, em augmento, o aeroplano estaca para logo cair. Dá-se este facto, quasi imprevisito, em virtude do estreito amplexo que liga a velocidade e a sustentação, não sendo possível alterar uma sem alterar a outra. Um aeroplano dado tem pois uma velocidade propria e só uma. Não pode fazer como as aves que augmentam, á vontade, o angulo d'ataque para diminuir a velocidade ou encolhem as azas para descer com a maxima rapidez, diminuindo n'este caso a superficie em relação ao peso.

E se é certo que uma machina de dimensões lineares duplas d'um modelo dado precisa para se sustentar e mover de um motor oito vezes mais forte que o do dito modelo; para dar, a uma determinada machina uma velocidade dupla, precisaremos tambem não só de lhe augmentar de oito ve-



1.—O typo d'appareilho timonado por Delagrangé—(Bleriot)

Um traje do século XX

Delagrangé vestido para effectuar o seu ultimo vôo.

(Clíchê de WORLD'S GRAPHIC PRESS)



Fig. 1 — Schema da manobra do aeroplano Wright. A linha A B, representa o cami-

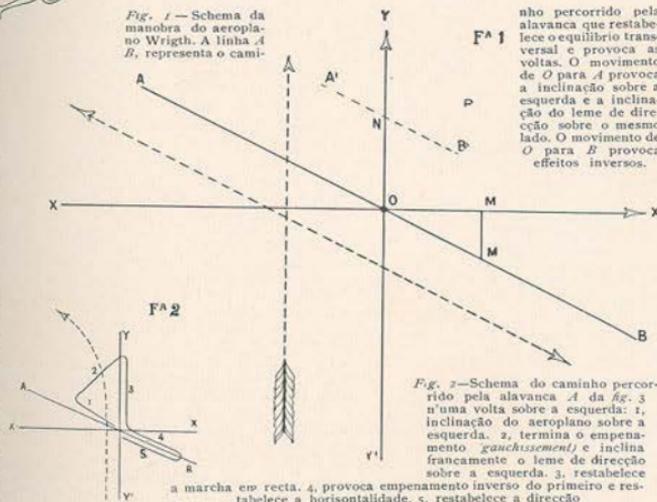


Fig. 2 — Schema do caminho percorrido pela alavanca A da fig. 3 n'uma volta sobre a esquerda: 1, inclinação do aeroplano sobre a esquerda. 2, termina o empenamento *gauchissement* e inclina francamente o leme de direcção sobre a esquerda. 3, restabelece o empenamento inverso do primeiro e restabelece a horizontalidade. 5, restabelece a direcção

zes a força do motor, mas também de lhe alterar o angulo d'ataque, a superficie e os commandos. As difficuldades, como se vê, abundam.

Se fôsse possível, na pratica, dar ao aeroplano Voisin, por exemplo, a velocidade de 120 kilometros á hora, velocidade dupla da que possui, seria necessario dotal-o com 400 cavallos em vez de 50.

Estas considerações bastam para se fazer uma idéa approximada do problema da velocidade.

Assim, possuímos presentemente machinas de voar que se deslocam n'uma media de 65 kilometros á hora, transportando uma media de 150 kilogrammas de peso util (aviador e essencia) capazes, já, de prestar serviços a um exercito em campa-

nhu percorrido pela alavanca que restabelece o equilibrio transversal e provoca as voltas. O movimento de O para A provoca a inclinação sobre a esquerda e a inclinação do leme de direcção sobre o mesmo lado. O movimento de O para B provoca efeitos inversos.

De resto, as experiencias de tiro feitas na Allemanha, em Gibraltar, em New-York, provaram que os aeroplanos difficilmente serão alvejaveis. A guerra vae, pois, transformar-se a seu turno, e o mesmo duello que se dá entre a couraça e o canhão iniciou-se já entre Krupp e as aves artificiaes. Estas servirão para reconhecimentos, transmissão de ordens e talvez de torpedeiros aereos contra os Zippelin que ameaçam o grosso das tropas, que, vistas de tão

alto dominio, não parecerão formadas de homens mas de uma nova especie de formigas. Deus permita, porém, que a primeira *etape* do vôo seja, como diz em auctorizados vaticínios

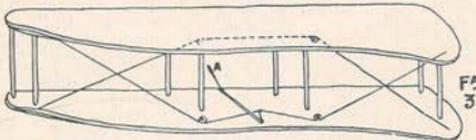
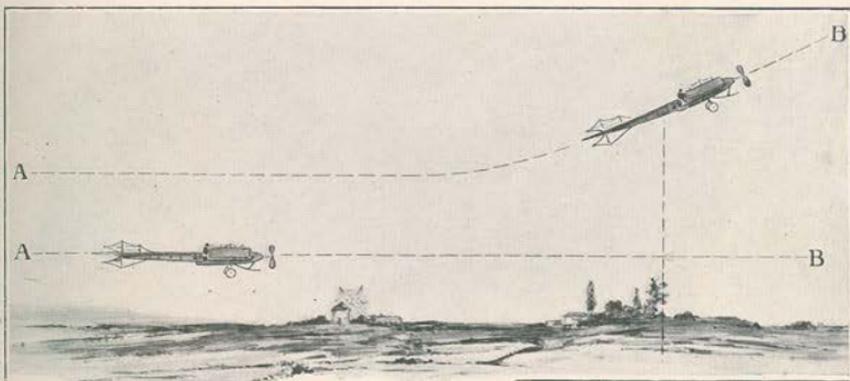


Fig. 3 — Schema que mostra o empenamento dos planos sustentadores provocado pela inclinação da alavanca A sobre a esquerda

o primeiro passo da campanha da paz iniciada pelo nosso seculo.

JOÃO GOUVEIA
(Do Aero-Club de Portugal).



JOSÉ CAMPAS EM PARIS



Visitámos ha dias, no boulevard Saint Jacques, em Paris, o atelier de José Campas, pensionista do Estado, discípulo do professor Carlos Reis, da Academia, e vimos os trabalhos que o novo e distincto pintor portuguez acaba agora d'enviar para Lisboa, para a exposição dos trabalhos dos alumnos da Academia que são pensionistas do Estado no estrangeiro.

Discípulo do mestre universalmente apreciado João Paulo Laurens e do não menos illustre professor Joubert Duval, o nosso distincto compatriota Joé Campas tem realiado em Par's enormes progressos não só na correcção do desenho, como no colorido, nos tons mais sinceros da paizagem, nas linhas seguras e firmes, na technica, em resumo. Os trabalhos que

apresenta são: um typo de mulher d'Arles e uma paizagem: o *rebanho*. Envia tambem seis *croquis* em sanguinea e dois desenhos copias do natural.

São tudo obra d'um artista que possui uma bella inspiração e que demonstra ter trabalhado com mestres, aproveitando enormemente com o estudo e o ensinamento da Academia de Paris e dos *ateliers* que aqui frequenta sob a direcção de professores notaveis.

Na *Arlesiana* ha apreciaveis qualidades de modelo, um estudo intelligente d'esse typo tão curioso do meio-dia da Franca que inspirou Daudet e Bizet, essa mulher que tantos pontos de contacto tem com a nossa camponeza minhota, por causa da roupa de tons claros e vivos e pelos olhos ternos, afogados n'uma luz avelludada e acariciadora.

José Campas estudou bem de perto essa figura d'um dos departamentos meridionaes da Franca e de-nos uma mulher d'idade madura, mas ainda cheia de vida, com toda a caracteristica da sua raça de poesia. Technicamente é uma obra completa. Mas o artista deu-lhe um pouco da sua alma portugueza — o que mais relevo dá ao quadro.

A paizagem o *Rebanho* é tambem excellente. A pastora conduz o bando d'ovellas que marcham idyllicamente entre as terras orvalhadas e d'um verde delicioso. O fundo é lavado, claro, nitido, cheio de luz. E ao lado a casinhola não fere, pelo contrario, completa a paizagem pela durura dos seus tons brando e sem cabo-



1—Um estudo do artista
2—O pintor no seu atelier em Paris



tinismo de preocupação d'escola. E' uma obra sã, feita por um moço que deseja avançar e que demonstra ter idéas e ter coragem e sobretudo sentir.

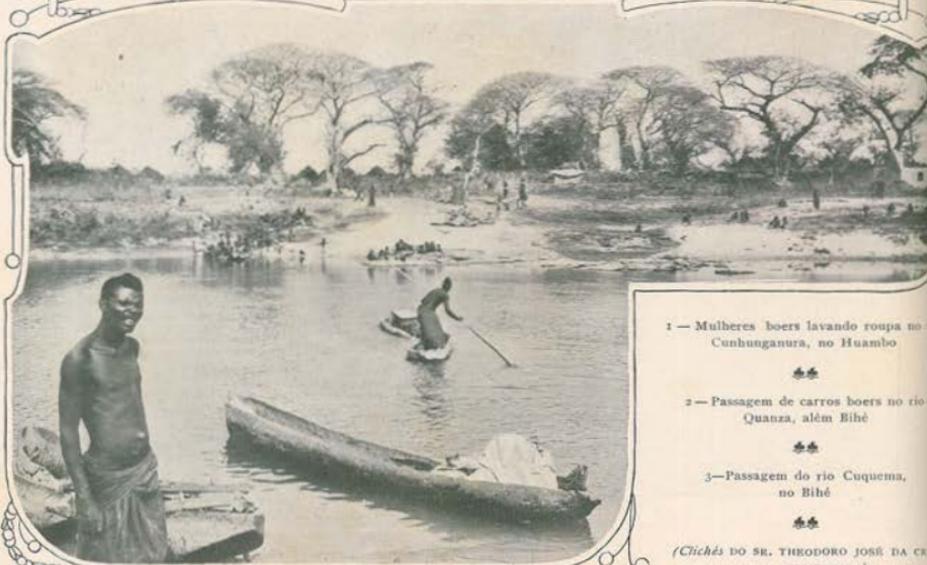
Os restantes trabalhos são tambem bons, sobretudo as *sanguineas*. No modelo nã vemos bem o adiantamento de José Campas, as suas qualidades de desenho, o que é muito importante n'um artista moderno, hoje mais do que nunca.

Modesto e simples, trabalhando sempre, sem preocupações exóticas, tendo em vista apenas o ser um artista na larga concepção moderna, José Campas esforça-se em crear um nome que será sem duvida um dos mais queridos e dos mais apreciados em breve no nosso meio artistico.



1 — *Arlesienne*, estudo
2 — Conduzindo o rebanho

ASPECTOS D' AFRICA



1 — Mulheres boers lavando roupa no rio Cunbunganura, no Huambo



2 — Passagem de carros boers no rio Quanza, além Bihé



3 — Passagem do rio Cuquemá, no Bihé



(Clichés do Sr. THEODORO JOSÉ DA CRUZ — BENGUELLA).